

## O RESSENTIMENTO DE UMA REVOLUÇÃO PERDIDA: O MANIFESTO DE JOSÉ NÚÑEZ ACERCA DA REVOLUÇÃO URUGUAIA DE 1897

Pablo Dobke<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem o objetivo de analisar o texto produzido pelo comandante revolucionário José Núñez no contexto da guerra civil uruguaia de 1897, esta liderada pelo caudilho blanco Aparício Saraiva, onde o Partido Nacional se pôs em armas – mais uma vez – contra o seu já tradicional rival, o Partido Colorado, que na ocasião governava o Uruguai e não abria brechas para a participação nacionalista em sua gestão. Sendo assim, este integra as pesquisas que vem sendo desenvolvidas na Linha de Pesquisa “Integração, Política e Fronteira”, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria; contando com bolsa FAPERGS/CAPES. Neste aspecto, buscamos uma discussão dentro da história política, dos estudos biográficos, e da história cultural, demonstrando assim a relação dos personagens envolvidos com a região fronteiriça, a partir de diferentes vínculos, aprofundando assim as investigações no âmbito da História Platina, especialmente no que tange a fronteira Brasil-Uruguai.

### Introdução

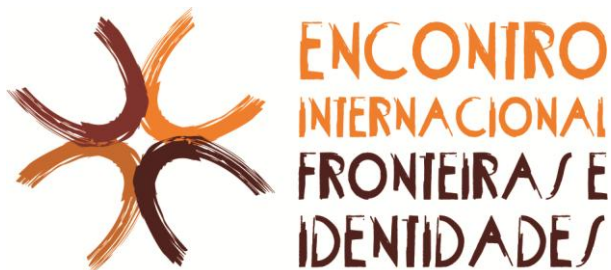
Este trabalho, desenvolvido primeiramente como forma de avaliação para a disciplina de Seminário História, Poder e Cultura do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), tem o objetivo de analisar o texto produzido pelo comandante José Núñez no contexto da guerra civil uruguaia de 1897, esta liderada pelo caudilho *blanco* Aparício Saraiva, onde o Partido Nacional se pôs em armas – mais uma vez – contra o seu tradicional antagonista, o Partido Colorado, que na ocasião governava o Uruguai e não abria brechas para a participação nacionalista em sua gestão<sup>2</sup>.

Cabe salientar, no entanto, que este é resultado referente ao projeto de pesquisa “*Por la Patria!* Relações de poder e trajetória política de Aparício Saraiva no espaço fronteiriço platino (1896 – 1904)”, desenvolvido na Linha de Pesquisa “Integração, Política e Fronteira” do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria,

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Maria; Mestrando; FAPERGS-CAPES; pablo\_dobke@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Ver: MADEIRO LÓPEZ, 1980.



contando com auxílio de bolsa FAPERGS/CAPES. Fazendo parte também do projeto guarda-chuva intitulado “História da América Platina e os processos de construção e consolidação dos Estados Nacionais do século XIX e início do século XX”, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Medianeira Padoin, vinculado ainda ao Grupo de Pesquisa CNPq/UFSM “História Platina: sociedade, poder e instituições” e ao Comitê “História, Regiões e Fronteiras” da Associação de Universidades do Grupo Montevideu (AUGM).

O Projeto de Pesquisa “*Por la Patria! As relações de poder de Aparício Saraiva no espaço fronteiriço platino (1893 – 1904)*”, tem como mote de pesquisa a análise acerca das relações de poder mantidas pelo caudilho Aparício Saraiva no âmbito do Partido Nacional a partir do espaço fronteiriço no qual este estava inserido, traçando sua trajetória política desde a Revolução Federalista (1893-95) – a qual lutou ao lado de seu irmão Gumercindo – até o momento de sua última ação rebelde em solo uruguaio (1904). Pretendendo, assim, elucidar certos aspectos que fizeram de Aparício o principal chefe político *blanco*, atribuindo sua atuação política, principalmente, à rede de contatos que este mantinha no já mencionado espaço fronteiriço.

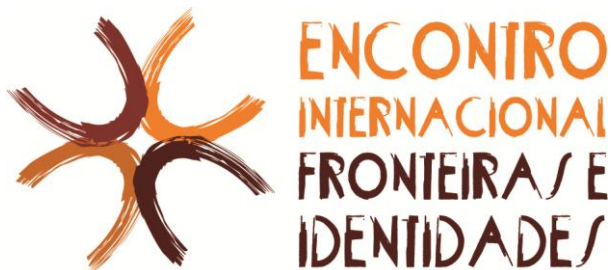
### **A obra, o contexto em que foi escrita e o esquecimento**

Escrito e publicado ainda em 1897, o “*Manifesto*” produzido pelo chefe da 2<sup>a</sup> Divisão Revolucionária, José Núñez, traça a trajetória deste comandante durante a contenda, desde sua mobilização com outros chefes até seu desfecho. Contudo, além de relatar trechos importantes de suas ações bélicas, o que mais nos chama a atenção é de como o autor tratou dos assuntos relacionados à organização deste movimento, assim como as críticas feitas a outros chefes e o seu ressentimento<sup>3</sup> quanto ao fracasso da dita contenda, que por muitas vezes é apontada no texto tendo como culpados outros líderes, que segundo o autor agiam mais em busca do poder pessoal do que uma regeneração para o país (NÚÑEZ, 1897, p. 220).

Neste sentido, desde o princípio do texto, o autor faz duras condenações ao modo de como se desenvolveu o processo revolucionário, algo que aparece permeado de uma

---

<sup>3</sup> Inserimos neste contexto os aspectos levantados pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche, onde o ressentimento aparece como um modo de fazer justiça por parte do injustiçado e nesta característica o amplia a questões referentes à moral e ao direito elevando assim o conceito a uma análise social do termo. Ver mais: PASCHOAL, 2013.



insatisfação intra-partidária e de um sentimento contrário ao Estado-Maior da Junta Revolucionária, personificado principalmente na figura do coronel Diego Lamas.

Suas críticas ao coronel Lamas vão desde o modo de como este tratava a política interna do Estado-Maior, até de como conduzia seus contingentes em campanha, desfazendo-se das estratégias militares adotadas por Lamas e até mostrando certo conhecimento tático citando várias passagens da guerra franco-prussiana e dos feitos do general francês De Failly (NÚÑEZ, 1897, p. 224).

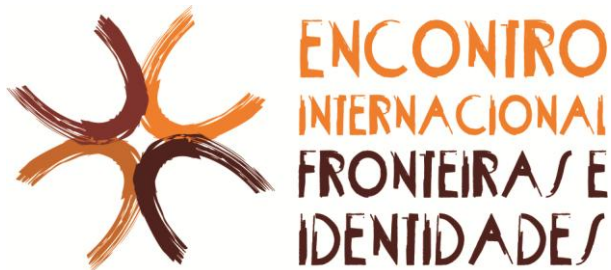
O ressentimento quanto ao coronel Diego Lamas pode ser compreendido quando Núñez, ainda em fase de mobilização de seus contingentes é destituído do Estado-Maior pelo próprio Lamas, posição esta que segundo o autor havia sido prometida por outras lideranças do partido, entre elas a figura de Eduardo Acevedo Diaz, destacado personagem da vida política uruguaia na virada do século XIX para o XX.

Assim, apoiados no texto de Pierre Ansart, “História e memória dos ressentimentos” (2001), podemos traçar a partir da concepção de Nietzsche utilizada pelo autor uma explicação para este caso; pois, mesmo ambos compactuando uma origem partidária em comum, esta se desfazia a medida em que as ideias de liderança se conflitavam e principalmente com a perda do posto dentro do Estado-Maior revolucionário, sendo este sentimento interiorizado, provocando o que para o filósofo alemão seria o “ódio recalçado” (ANSART, 2001, p. 17).

Ainda no texto de Ansart (2001) podemos encontrar outras definições quanto ao ressentimento e seus desdobramentos, onde o tema vai se completando e construindo a problemática em cima da questão, tanto é que ao findar da contenda de 1897 as lutas internas do Partido Nacional se intensificam, fazendo haver uma grande cisão nas eleições presidenciais de 1902, isto pode ser reflexionado a partir dos “sentimentos compartilhados de hostilidade” o qual coloca Ansart (2001) calcado nos estudos de Robert Merton e Max Scheler, onde estes sentimentos “são um fator eminente de cumplicidade no interior de um grupo...” (ANSART, 2001, p. 21); pois o grupo de Núñez, encabeçado por Acevedo Diaz vai ser o que justamente vai apoiar o candidato colorado Batlle y Ordóñez nas eleições presidenciais de 1903, se opondo a maioria nacionalista, da qual fazia parte Lamas<sup>4</sup> e Saraiva.

---

<sup>4</sup> O coronel Diego Lamas viria a falecer logo após a Revolução de 1897, no ano de 1898.



Ainda no texto do historiador francês, observamos uma reflexão de Marx acerca das disputas internas dentro de um partido político, o pensador alemão coloca que o “ódio comum possibilita o esquecimento das querelas internas e assegura a união e a mesma comunhão de ódio”; neste caso não se aplica, justamente por uma outra ocasião posta pelo autor com base no pensamento de Scheler, é a da experiência da humilhação que age a partir do amor-próprio ferido (ANSART, 2001, p. 22); talvez aí encontremos o motivo da dissonância que assolou o partido a partir de então.

Acerca do fator “humilhação” temos o texto de Michéle Ansart-Dourlen, “Sentimento de humilhação e modos de defesa do eu. Narcisismo, masoquismo e fanatismo” (2005); onde esta aborda a conjectura na qual a humilhação está inserida, fazendo discussões e abordagens interessantes sobre a mesma. Uma destas discussões refere-se ao orgulho e de como este é atingido, ofendendo principalmente o ego do sujeito, o qual busca a exteriorização e reconhecimento de seus pares (ANSART-DOURLEN, 2005, p. 99).

O ressentimento deste grupo contrário ao da maioria vai além do campo das ideias políticas, ele também vai aplicar-se no campo da historiografia uruguaia acerca da dita revolução, principalmente quando estes apócrifos começam as ser desvelados pelos historiadores que de certa maneira procuram novos indícios para suas pesquisas.

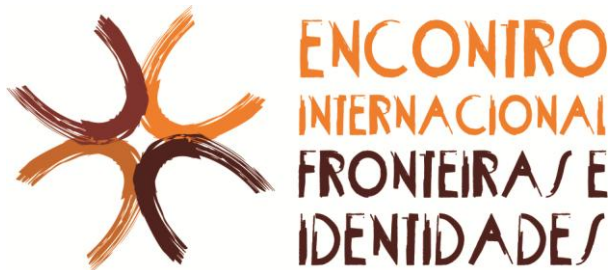
Exemplo disto é o texto analisado aqui, pois, o Partido Nacional logo tratou de criar a sua história referente aos acontecimentos bélicos da revolução o que de pronto Núñez rebate em seu manifesto. Desta maneira, é de notável rapidez a produção histórica acerca do evento, pois tanto a história partidária “oficial” quanto sua antagônica versão foram disseminadas no mesmo ano de 1897.

O trecho em que Núñez descreve a batalha de *Tres Arboles*, de início já é um rechaço a esta história “oficial” criada e difundida até os dias de hoje, neste o autor escreve: “Acerca da batalha de *Tres Arboles*, se tem feito diversos comentários, verdadeiramente peregrinos e novelescos. A verdade tem se desfigurado a tal ponto, que somente os que estavam naquele feito de armas podem fazê-la”<sup>5</sup> (NÚÑEZ, 1897, p. 225).

Ainda segue:

---

<sup>5</sup> Tradução do autor.



Surpreendidos em *Tres Arboles* pelo general Villar, ordenei rapidamente as guerrilhas de infantaria a minhas ordens e empreendi a luta, sem que o coronel Lamas tomasse nenhuma disposição a respeito do resto da tropa que comandava e sem que tomasse parte dela e nem me transmitisse nenhuma ordem<sup>6</sup>. (NÚÑEZ, 1897, p. 225).

Na sequência Núñez (1897) ainda escreve que não quer atribuir-se a glória da vitória na difícil batalha e que todos louros da vitória devem ser dedicados aos soldados. No entanto, é perceptível nestes trechos o afrente não só a figura de Diego Lamas, como também a história do partido, assumindo o papel da testemunha que pode contar a verdade, pois sua participação no evento fundamentaria suas afirmações.

Mais adiante o autor ataca a figura do líder máximo da revolução, Aparício Saraiva. Núñez disfare contra o General em Chefe do Exército Nacionalista sua insatisfação referente à liderança deste, dizendo que Saraiva não possuía nenhum prestígio militar e muito menos títulos que justificassem sua nomeação, e ainda queixava-se da forma de como Saraiva agia frente às tropas, dizendo que não as passava em revista e que muitos soldados e oficiais nem conheciam seu general (NÚÑEZ, 1897, p. 230-231).

Essas colocações, além da insatisfação e do ressentimento latente, trazem a questão que levantamos acerca da historiografia “oficial” em choque ao testemunho de Núñez, que formalizado de forma impressa em seu manifesto produz outro viés, pois, mesmo que de forma intencional e muito próxima do momento abordado, a memória do autor age de forma a controlar a situação, talvez, visando que seu manifesto servisse de contraprova aos eventos da Revolução de 1897, fazendo com que está memória/relato exista e se faça refletir na reconstrução de novos olhares acerca da história (SEIXAS, 2001, p. 42).

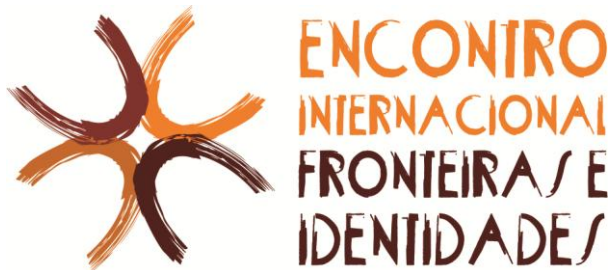
Podemos compreender através de outras leituras acerca das chamadas “Revoluções Saraivistas<sup>7</sup>” que os relatos destas pendem em sua maioria para os feitos de Saraiva, sem questionar ou mesmo tecer um olhar mais aprofundado sobre suas relações ou de como estas se deram; os apontamentos feitos por Núñez em seu manifesto foram de certa forma relegados ao ostracismo historiográfico, como uma forma de derrota frente ao estrato *criollo* de Saraiva<sup>8</sup> e sua aura mitificada, criada através do tempo, assim, como diz Hartog (2011), a história dos vencidos – neste caso, um vencido pela história “oficial” – deve levar em conta os dois lados

---

<sup>6</sup> Tradução do autor.

<sup>7</sup> Ver MÉNDEZ VIVES, 2007.

<sup>8</sup> Ver CHASTEEN, 2003.



para compreender o que se passou (HARTOG, 2011, p. 228), por isso a relevância desta análise acerca do manifesto de José Núñez.

E ao se tratar da memória do autor frente aos acontecimentos, trazemos mais uma colocação de Seixas, onde esta escreve que o passado em forma de memória é um “retorno”, algo que não passou e continua ainda vivo, é retomado, recriado e reatualizado (SEIXAS, 2001, p. 49); neste sentido a evidencia é clara quanto aos propósitos do autor em delimitar as ações dos saraivistas em detrimento ao grupo acevedista dentro do Partido Nacional, questão esta que só seria explicada alguns anos mais tarde com as eleições de 1903 e a Revolução de 1904<sup>9</sup>; principalmente ao tratar-se da conjuntura na qual se construiu e se difundiu a história destes dois grupos, determinadas a reforçar o sentimento quase que espartano em cima da figura de Saraiva.

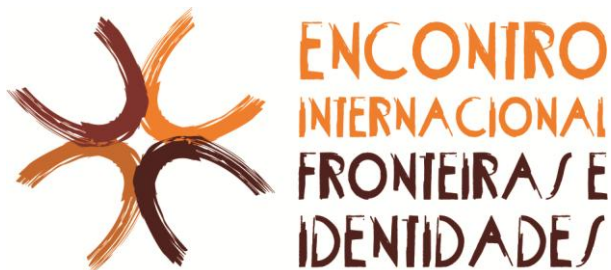
Esta memória cristalizada em torno da figura de Saraiva serviu para sedimentar o processo histórico no qual o Partido Nacional se constituiu, muito através da memória coletiva de seus agregados e admiradores; admiradores estes que com o passar dos anos trataram de relatar aquilo que mais enriquecia a trajetória política de suas convicções e ideologias. Por outro lado, o meio acadêmico/científico reforçou a crítica acerca de uma memória “verdadeira”, sendo assim, “todos os grandes remanejamentos históricos consistiram em alargar o campo da memória coletiva” (NORA, 1993, p. 10).

Contudo, os historiadores nacionalistas venceram a batalha da memória em torno das revoluções saraivistas, santificando a sua conjuntura, construindo uma tradição historiográfica em cima de um objeto caro a si e repassando-o a nação; a articulação do passado com objetivo de um fortalecimento heroico de uma maioria em um mesmo grupo bipartido acaba relegando o outro a um esquecimento e cabe ao historiador um debate acerca deste contexto, relativizando, verificando, discutindo... pois, “sua luta não pode ter por fim o estabelecimento de uma verdade indiscutível e exaustiva. Seria lutar em vão porque a verdade histórica não é da ordem da verificação factual”. (GAGNEBIN, 2006, p. 42).

Essa divisão partidária não gerou apenas o descenso político do Partido Nacional na virada do século XIX para o XX, ela criou dentro de uma mesma agremiação o conceito de ambivalência, que pode ser visto na segunda parte (a construção social da ambivalência) do

---

<sup>9</sup> Ver: MENA SEGARRA, 1998.



livro de Zygmunt Bauman, “Modernidade e ambivalência” (1999); neste o autor analisa a questão dos amigos, inimigos e ainda a existência dos estranhos.

Bauman (1999) explica que os amigos são caracterizados pela prática da cooperação, enquanto os inimigos vão contra essa característica, e que o estranho é aquele que rebelasse contra o conflito entre os dois primeiros (BAUMAN, 1999, p. 63-64); e neste contexto que insere-se o autor desta obra, pois o comandante Núñez não caracteriza-se necessariamente como um inimigo pois une forças contra um mal maior que seria a hegemonia do Partido Colorado, porém, as questões levantadas por este, como sua insatisfação e acima de tudo, seu ressentimento, o que posteriormente leva esse grupo minoritário a apoiar o candidato *colorado* a presidência, fazendo estes a agirem como estranhos dentro de seu partido.

Talvez seja essa a questão que levou o escrito do comandante Núñez ao costado da historiografia acerca do tema, assim como outros do mesmo teor<sup>10</sup>, enquanto outros, que valorizavam a parte da situação são elevados a obras clássicas sendo analisados e citados pela academia de forma profícua<sup>11</sup>. Assim, a classificação proposta por Bauman faz sentido até na hora da análise histórica onde o autor diz que “nenhuma classificação binária usada na construção da ordem pode se sobrepor inteiramente a experiência contínua [...]” (BAUMAN, 1999, p. 70), o que nos dá mais embasamento em analisar essas obras esquecidas.

### **Últimas considerações**

A partir desta breve análise percebemos que o comandante Núñez através de seu manifesto procurou queixar-se e ao mesmo tempo isentar-se do fracasso revolucionário de 1897, nomeando como principais culpados por tal derrota o chefe do Estado-Maior, o coronel Diego Lamas e o comandante em chefe da revolução, general Aparício Saraiva. Em suas linhas, podemos perceber que o ressentimento nutrido por Núñez fez com que este se aproxime de um outro grupo dentro do Partido Nacional que era encabeçado pelo Doutor Eduardo Acevedo Diaz, fazendo assim duras críticas ao modelo organizacional da revolução<sup>12</sup>.

---

<sup>10</sup> Ver ANONIMO, 1897.

<sup>11</sup> Ver VIANA, 1904.

<sup>12</sup> Ver RECKZIEGEL, 2014.



Essa situação de descontentamento reproduzida no manifesto tem um efeito de desabafo por parte do autor que por fim, depois de todas suas observações, diz respeitar o general Saraiva acreditando em seu patriotismo e abnegação voluntária frente às agruras da guerra, contudo, aponta que os erros de Saraiva são motivados por suas paixões e razões pessoais<sup>13</sup>, características que não deveriam aparecer em um chefe; para Lamas, Núñez reafirma a opinião dada ao jornal *La Nacion* de 7 de abril do mesmo ano, dizendo que o coronel é mais teórico do que prático (NÚÑEZ, 1897, p. 242-243).

Por bater-se de frente com dois dos grandes nomes do partido, os escritos de Núñez passaram por um longo período sem serem confrontados com a historiografia “oficial”, sendo menosprezados e muito menos mencionados quando o assunto eram as revoluções de 1897 e 1904; contudo, a análise destes textos se faz importante para compreendermos esse processo histórico, relacioná-los a outros podem nos trazer uma série de outras respostas a este período tão complexo da história uruguaia.

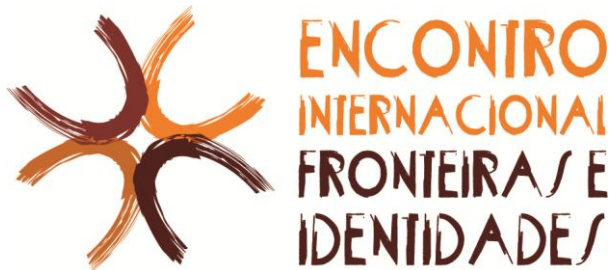
As interrogações acerca do período não podem ser mais tratadas com respostas prontas, como estamos habituados a ver na historiografia tradicional, apresentadas em um molde de fatos sendo respaldadas por uma “fonte autorizada”, é preciso que estas sejam colocadas em evidência e que seu leque seja ampliado, fazendo destes indícios para novas hipóteses e reflexões acerca do conteúdo, não nos detendo somente em repetir aquilo que outros historiadores já disseram, pois, tal situação não permite a atribuição de autonomia, que segundo Collingwood (1986), “é sempre fundamental para o pensamento científico”. (p. 334).

Assim, propusemos aqui muito mais do que a breve análise do texto de Núñez, apontamos que uma série de outras portas devem ser abertas e que mesmo um texto carregado de ressentimento e intencionalidade política não deve ser renegado ainda mais se este conter oposições ao grupo detentor do poder e que influenciou aquilo que nos foi repassado. E por falar em ressentimento e intencionalidade, a própria história “oficial” difundida principalmente por membros do partido, por vezes, foi dotada destas características, o que nos remete ainda mais a necessidade de tomarmos ambas como preciosos indícios para refletirmos acerca de nosso projeto que foi apresentado acima, pois a complexidade do referido momento não pode ser explicada de forma unilateral como tem sido feita durante todo esse tempo, é

---

<sup>13</sup> Ver DOBKE 2013.





preciso ampliá-la e difundi-la para que outras questões sejam feitas, assim como outras perspectivas e suas futuras considerações.

### Referências:

ANONIMO. *Mis memorias, por um soldado raso*. Buenos Aires: Galileo, 1897.

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NEXARA, Márcia. *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Unicamp, 2001, p. 15-36.

ANSART-DOURLIN, Michéle. Sentimento de humilhação e modos de defesa do eu. Narcisismo, masoquismo, fanatismo. In: MARSON, Izabel; NEXARA, Márcia. *Sobre a humilhação: sentimentos, gestos, palavras*. Uberlândia: EDUFU, 2005, p. 85-101.

BAUMAN, Zygmunt. A construção social da ambivalência. In: *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 62-84.

CHASTEEN, John Charles. *Fronteira Rebelde, a vida e a época dos últimos caudilhos gaúchos*. Porto Alegre: Movimento, 2003.

COLLINGWOOD, R. G. As provas históricas. In: *A ideia da história*. Lisboa: Presença, 1986, p. 307-342.

DOBKE, Pablo. *Justino Muniz e Aparício Saraiva: relações de poder no Departamento de Cerro Largo, Uruguai*. Trabalho apresentado no VII Fórum de Debates Povos e Culturas das Américas, UFSM, 2013.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Verdade e memória do passado. In: *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006, p. 39-48.

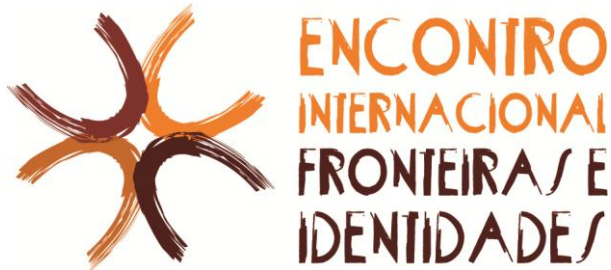
HARTOG, François. A testemunha e o historiador. In: *Evidência da história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 203-228.

MADEIRO LÓPEZ, Ariel. *La Revolución de 1897*. Montevideu: Ediciones de la Banda Oriental, 1980.

MENA SEGARRA, Enrique. *Aparício Saravia, lãs ultimas patriadas*. Montevideu: Ediciones de La Banda Oriental, 1998.

MÉNDEZ VIVES, Enrique. El Uruguay de la modernización. *História Uruguaya*, tomo 5, Montevideu: Ediciones de La Banda Oriental, 2007

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, PUC, n. 10, p. 7-29, dez. 1993.



NÚÑEZ, José. *Manifiesto*. Buenos Aires: Bouldosa, 1897.

PASCHOAL, Antônio Edmilson. As formas do ressentimento na filosofia de Nietzsche. *Philosophos*, v. 13, n. 1, 2008, p. 11-33. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/philosophos/article/view/7961#.VDWDS2ddWZ4>>. Acessado em: 12 Jun. 2013.

RECKZIEGEL, Ana Luiza. Blancos Caudilhos x Blancos Doutores: um partido dividido entre fronteira e porto, no Uruguai de 1890. *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, Vol. 34, N° 1, junho, 2008, p. 65 – 75. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/4524/3451>> Acessado em: 02 Jan. 2013.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NEXARA, Márcia. *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Unicamp, 2001, p. 37-58.

VIANA, Javier de. *Con divisa blanca*. Buenos Aires: V. Matera; Montevidéo: Antonio de Angeli, 1904.